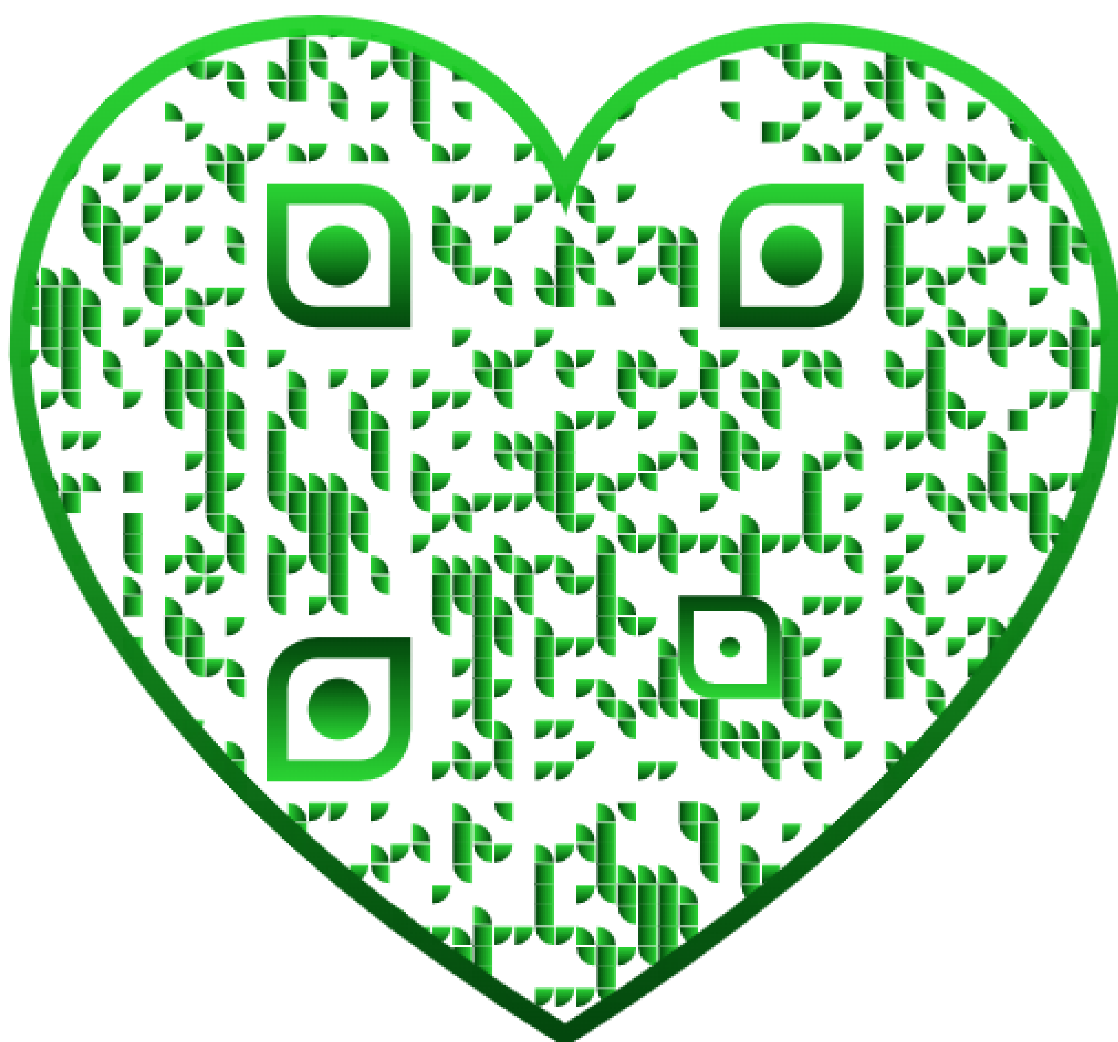
# Verde Efêmero do Éden




PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com



# Verde Efêmero do Éden

escrito e ilustrado por

Camila Fernandes

Maio de 2004

Respeite o direito autoral. Não utilize este texto sem o prévio consentimento da autora. Caso deseje fazer uso do referido texto, entre em contato: camilailustradora@gmail.com



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Introdução

Uma pitada de Ficção Científica, muita Fantasia e Aventura a gosto recheando uma deliciosa massa de História Alternativa. Junte a isso um grupo de escritores e ilustradores criativos e aí está uma das facetas do Projeto Slev – Sistema Literário Experimental Virtual: a série Nave Profana.

Em 2004, fui convidada a participar dela. Minha missão era ilustrar capas e ajudar a criar o visual de personagens em constante desenvolvimento. Mas quando o Segundo Concurso de Contos Slev se realizou eu também entrei com meu texto. Tive a honra de participar da competição fechada com autores mais experientes e a alegria de ficar com o segundo lugar. O conto era “Verde Efêmero do Éden”.

Quando o escrevi minha única pretensão era criar uma história que fizesse sentido dentro do universo sleviano mas também fora dele – que pudesse ser apreciada por leitores não familiarizados com as regras do jogo. Aqueles que posteriormente a leram – e o Glossário no final deste livro – me garantiram que sim.

Se ao final desta aventura sua curiosidade tiver crescido, visite o site do Projeto Slev: www.slev.org e saiba mais sobre os personagens que habitam esse universo mirabolante e suas histórias. A coleção Nave Profana, com mais de 25 livros virtuais, espera por você.

Minha gratidão vai para David Hoffmann, primeiro leitor “de fora”, Richard Diegues, que estimulou a publicação desta história, e Rogério Amaral, coordenador do Slev, que gentilmente me orientou na execução.

Espero que você, leitor, possa se aventurar com a protagonista Zandra em seu Éden particular e absorver, como ela, todos os cheiros e sabores do Verde Efêmero.

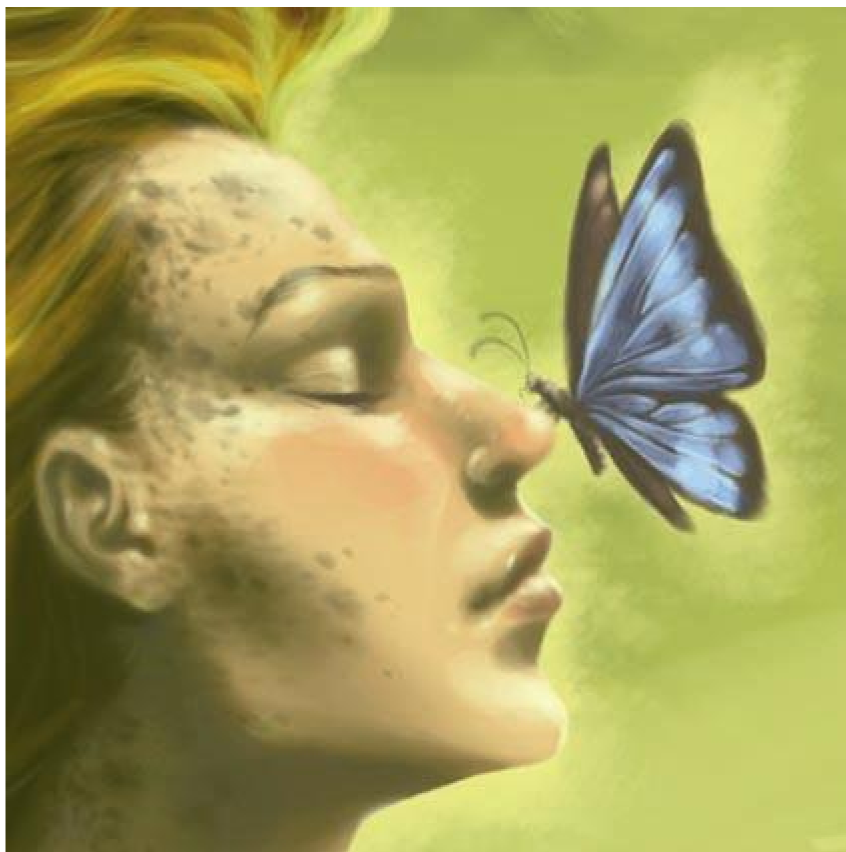
Camila Fernandes

É escritora e ilustradora, co-autora dos livros *Necrópole – histórias de vampiros* e *Necrópole – histórias de fantasmas* (www.necropole.com.br). Conheça seu portfólio em: www.camilailustradora.ubbi.com.br



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 1



Acordei. Ou não. Às vezes, é difícil ter certeza. Mas reconheço que meus sentidos são acariciados por sensações muito prazerosas: o chão de terra úmida e folhas macias sob meu corpo; a serenata dissonante dos insetos, que exibem seus dotes musicais duvidosos às possíveis parceiras; e os odores frescos de flores e frutas – os perfumes da mata.

Olho à minha volta. A beleza do lugar é assombrosa: orquídeas e begônias se reclinam, majestosas, por sobre os galhos das árvores, que mergulham suas raízes na água escura, enquanto lepidópteros que eu desconheço agitam asas de ouro e turquesa e ervas rasteiras lançam garras verdes pelo solo.

Aprendi que os seres humanos são capazes de verter lágrimas, fios de um suco transparente produzido por pequenas glândulas situadas junto aos olhos, quando tomados por emoções muito fortes. Chamam a



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

isso chorar. E minha emoção é tamanha que, fosse humana, estaria chorando copiosamente. Tudo aqui é vegetal. É como estar de volta ao lar.

Uma enorme borboleta azul, atraída pelo aroma das minhas flores latentes, volita diante dos meus bulbos oculares antes de pousar logo abaixo deles. Sua minúscula tromba tateia, ansiosa, a superfície. É madeira, meu bem. Nenhum lucro para você.

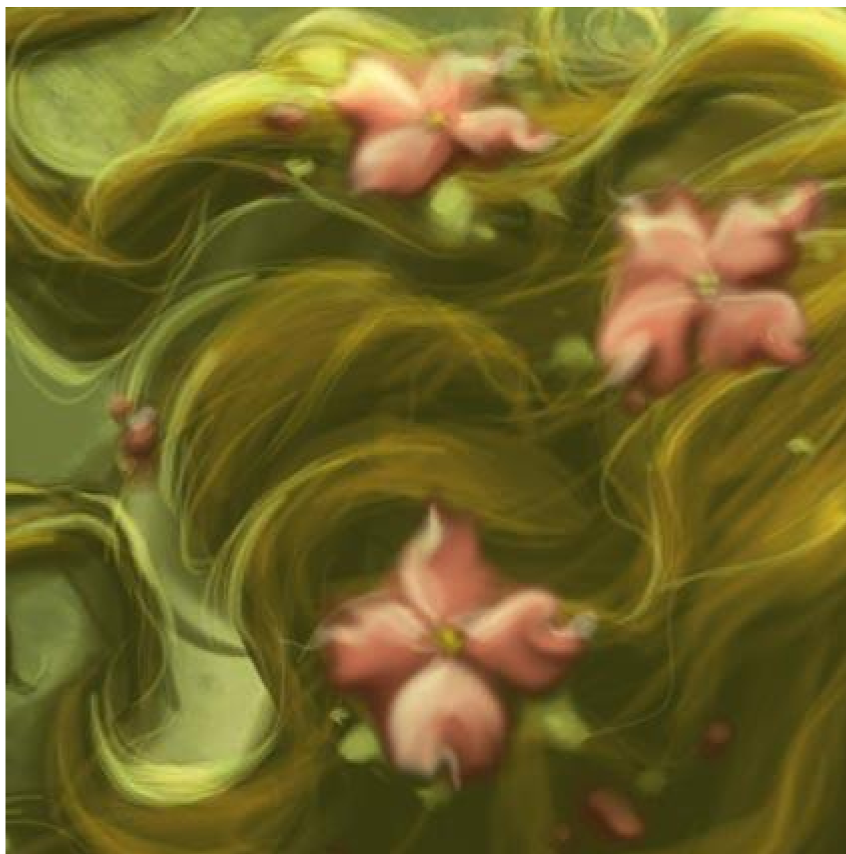
Sei que não fui mandada a este paraíso apenas para ser feliz por alguns momentos. O Zelador[1], esse deus-demônio-cientista, costuma soltar pequenos grupos de seus brinquedos vivos num lugar e numa época estranhos, a fim de cumprir missões que nunca revela; com alguma sorte, seus agentes involuntários são capazes de compreendê-las ao seu termo. E eu, como joguete de madeira que sou, só posso ter sido escalada para uma dessas tarefas. Passado meu entusiasmo inicial, portanto, ponho-me alerta, buscando divisar na paisagem a figura de algum dos meus companheiros. É quase certo que não estou sozinha. Quase.

Mas não detecto nenhum sinal de vida inteligente – nem percorrendo o ambiente, nem consultando meu casulo localizador[2], o que indica, suponho, que nenhum de meus colegas foi enviado a este lugar. A maioria arrasadora dos indivíduos do meu grupo é da espécie humana, ou *Homo sapiens*, na sua própria designação científica. São mamíferos com pouco pêlo, razoavelmente inteligentes, oriundos do planeta Terra ou de alguma de suas incontáveis versões, onde não há vegetais sapientes. Para eles, sou uma árvore que pensa, fala e anda, algo entre um sonho e um pesadelo. Anseio pelo dia em que poderei retornar a Giron'dha[3], o planeta onde nasci, e narrar à minha gente as incríveis descobertas que tenho feito. Talvez eu dê continuidade às minhas Memórias Vegetais[4], enfocando o comportamento humano.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 2



Éden... Richards[5], um filhote de homem, me falou, uma vez, sobre esse lugar onde os justos encontram o deleite eterno e os maus não têm entrada. A morada final dos virtuosos – era assim que ele o chamava. Um lugar encantado onde as almas cansadas das vicissitudes do universo encontram repouso e tudo o que há de belo prospera e frutifica.

Se tal lugar existir, deve ser aqui.

Sinto um laivo de gratidão por ter sido deixada numa terra tão parecida com a minha, dominada – conforme me parece ao cabo de dois dias de inspeção – por plantas. Encontro insetos, aracnídeos, moluscos e uma série de outros invertebrados, além de anfíbios, répteis, aves e mamíferos de pequeno porte. Mas nada mais evoluído do que isso.

Evoluído... As flores são exuberantes, as trepadeiras, fartas, e as árvores, frondosas – mas nenhuma dessas plantas pode me fazer com-

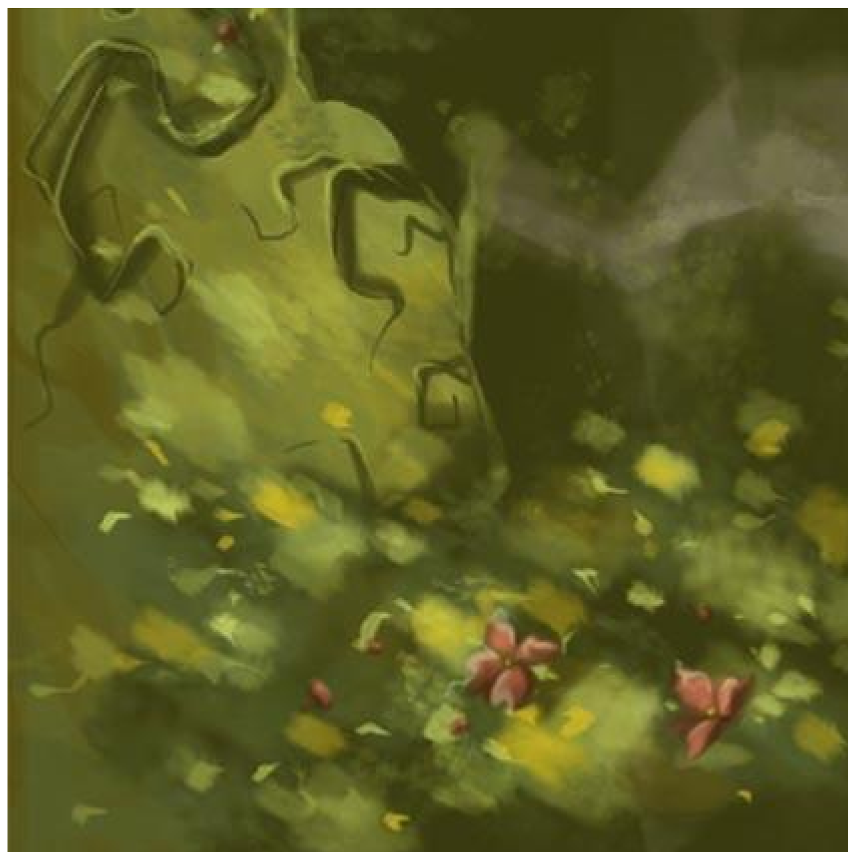


PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

panhia. São tão diferentes de mim. Coisas primitivas, inconscientes e inertes, a não ser por alguns exemplares devoradores de insetos, capazes de cerrar folhas-mandíbulas denteadas sobre suas vítimas. Nenhuma novidade para mim nisso. A não ser...


PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 3



É no terceiro dia da minha verde solidão que eu a encontro. Preciso de nutrição. O solo do pântano parece muito rico em minerais, dada a quantidade de espécies que viceja na superfície. Procuro por um local confortável onde me assentar. Então, sinto *o cheiro*. Um buquê complexo, forte, de notas variadas, estonteantes... Carniça.

Atravesso um pequeno bosque em direção à sua origem, esperando encontrar um animal morto. O odor, que enojaria meus colegas, é atraente para mim: se for uma criatura qualquer em decomposição, poderei consumi-la e obter os nutrientes de que necessito. Mas, quando termino de abrir caminho por entre as árvores, descubro algo muito diferente.

Calculo que tenha cerca de 1,60 metro de altura e a metade dessa medida de largura. Não é uma árvore, nem um arbusto, mas uma enorme



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

flor afunilada. Brota de um caule atarracado, que se subdivide em ramos menores, agarrados à terra.

A flor em funil se abre em duas pétalas grossas, ligeiramente enroladas para fora, luzidias, cor de carne. Esse único par de pétalas bordeja um túnel úmido e escuro à guisa de boca, fazendo um convite mudo, porém explícito. Grandes lábios vermelhos.

Devo estar passando tempo demais com Raimundo[6]. Estou começando a pensar como um animal.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 4



Seu perfume tem qualquer coisa de hipnótico. É agradável ficar perto dessa estranha planta. Acomodo-me num conveniente espaço ao seu lado, lançando minhas raízes solo adentro, em busca de minerais, enquanto aprecio a beleza insólita da flor.

É uma planta carnívora.

A definição é inapropriada, já que devora insetos e não animais. Mas sua tática predatória é admirável. Seu buquê de morte atrai grande variedade de moscas desejosas de botar seus ovos num corpo em decomposição; até a cor e a textura de seus lábios vegetais lembram carne morta. As moscas penetram, ansiosas, no seu recinto íntimo; uma vez lá, nunca mais saem. E a grande flor ali permanece, imóvel, acolhendo vítimas voluntárias. Máquina de matar orgânica com gasto mínimo de energia.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 5



Venho absorvendo rica quantidade de vitaminas e água. Pergunto-me por que, tendo à sua disposição um solo tão fértil, meu colega vegetal precisou desenvolver seu mecanismo glutão. Não vejo nele estruturas de pólen, o que me leva a supor que se reproduz de forma assexuada, através de mudas.

Isso não possui sexo. Não possui entendimento. Não é como eu. Minha curiosidade é grande. Imagino, um tanto sonhadora, como seria me comunicar com semelhante espécime. Se pudesse falar. Se pudesse pensar como eu...

Um pequeno choque toma conta do meu corpo. No seio da terra, suas raízes tocam as minhas. E sei que não me engano quando sinto que elas se entrelaçaram... Voluntariamente.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Essa não é uma planta primitiva comum. Posso sentir sua mente se esforçando para travar contato com a minha! Exulto com esse sinal de sua consciência. Muito rudimentar, é claro, e imperceptível à primeira vista, mas, ainda assim, uma consciência!

Olho para ela, ansiando por uma confirmação. E duvido de minha sanidade quando julgo que os imensos lábios parecem curvar-se ligeiramente num sorriso.

Enchendo-me de coragem, locomovo minhas raízes superficiais em sua direção e deixo que se ramifiquem, envolvendo as da planta. O choque é ainda maior, crescente. Sinto nos meus próprios sensores gustativos o sabor das moscas imersas no seu caldo de enzimas proteolíticas. Sinto sobre meus galhos os minúsculos conjuntos de seis patas que pisoteiam com leveza suas pétalas, rumo à morte lenta.

Essa mente que qualifiquei como inferior mostra-se poderosa. Em lugar de eu a trazer ao meu mundo, ela me transporta ao dela. E todos os meus sentidos são embotados pelo seu perfume pútrido, enquanto perco alegremente a razão.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 6



Sem noção do tempo. De que me importa a passagem das horas? A fotossíntese é tão automática quanto o nascer do dia e o cair da noite. Não sei mais quantas vezes o sol cruzou aquele céu. Nem me interessa saber.

Na macia cavidade recém-desenvolvida em meu corpo, estou digerindo o prato do dia. Devagar e sempre. Insetos acorrem, em polvorosa, ao meu regaço, e eu recebo seus corpos e ovas sem pestanejar. As mães poedeiras, contudo, não deixam o ninho, interceptadas pela rede de cílios que se fecha à sua entrada e não mais se abre até que eu deseje. Ouço o zumbido de suas asas dentro de mim. Após muito se debater, cada uma delas, fatalmente, cai, derrotada, no banho enzimático. Suas larvas, que não tardarão a irromper das ovas coladas às paredes do meu túnel, encontrarão o mesmo fim.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Boca, garganta e estômago num só aparato. É perfeito. E eu devo tal melhoramento à singular criatura que tão generosamente me ofereceu sua tecnologia natural.

Ela é como eu. Eu sou como ela. Escolhi sê-lo.

Sou Zandra de Harboor, uma planta sapiente.

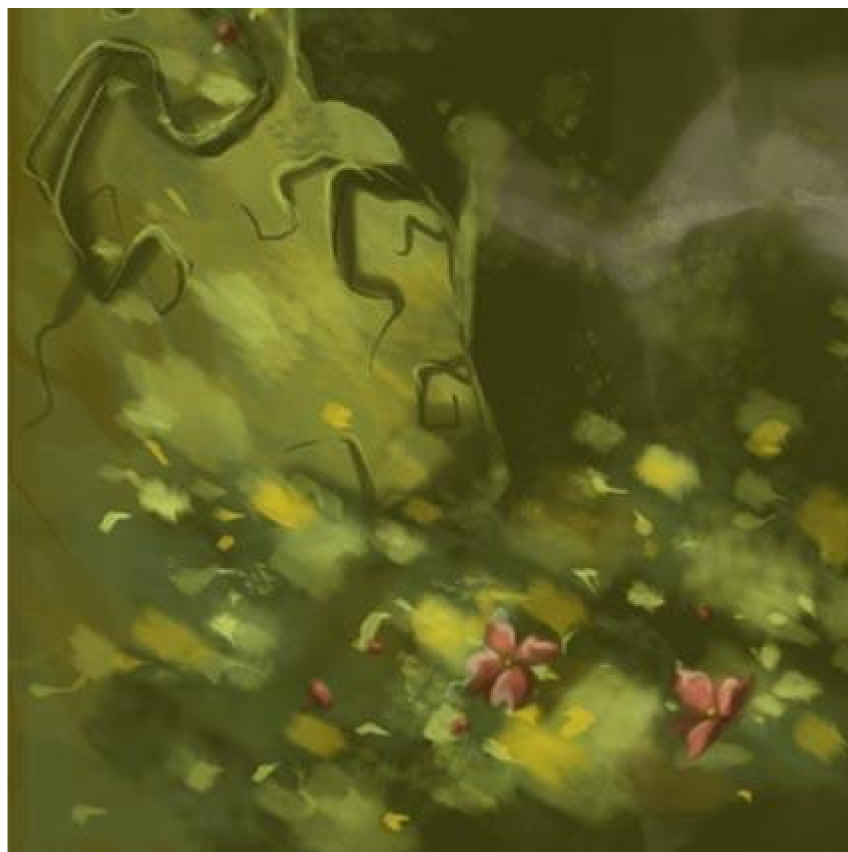
Não sou Zandra de Harboor. Sou uma planta semi-consciente, absorta em sua perfeição.

Sou... Zandra... O que é Zandra?



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Capítulo 6



Amanhece. Claridade agradável e sutil. Ouço os diálogos distantes de aves e batráquios. Mas há algo maculando os sons nativos. Algo brusco e rápido.

Meus olhos, há muito cerrados em completa satisfação, se abrem. Eu contemplo o autor do ruído profano. É um... humano? Pequeno e ágil, parece agitado. Será que foge de alguma fera? Não há grandes predadores por aqui, a não ser eu e minha companheira – ou companheiro, não importa. Por que eu deveria prestar atenção ao destino desse mamífero desajeitado?

Ele tem algo curioso numa das mãos. É fogo. Uma tocha. Seu calor me incomoda. O que pretende ele com isso?



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Não é comigo... Ele não me viu. Olha para os lados, desnorteado, e seu olhar, finalmente, se detém em mim. Ele cobre as narinas e a boca com uma das mãos antes de se aproximar. É o perfume da carniça.

Por que me encara dessa forma? Decifro sua expressão: é de nojo e surpresa.

– Zandra?

Esse nome... Eu não preciso mais dele. Deixe-me em paz, coisinha frágil.

– Zandra, é você? Ora, fico feliz por encontrá-la! – Sua voz é abafada pela mão que protege o rosto. – Estou neste lugar há pouco mais de uma semana e até hoje não havia encontrado nenhum dos nossos.

Um dos nossos? Nossos *quem*?

– Vejo que criou raízes, literalmente. Folgo também em encontrá-la se banqueteando direto no solo e não... bem, Dimitri[7] me contou sobre uma ocasião não muito agradável em que você usou de outros meios para repor suas energias[8]. Desculpe, Zandra, mas há coisas que nós não compreendemos bem e, quando senti esse cheiro de longe, pensei que fosse mesmo um... Droga, por que é que o Zelador não jogou Dimitri aqui conosco? A experiência que acabo de ter iria acabar de uma vez por todas com aquela conversa de Adão e sua esposa, a costela.

Zelador. Eu conheço alguém com esse nome, não?

– Bem, não exatamente *acabei* de ter essa experiência. Foi na noite passada. Preciso lhe contar tudo desde o começo, você não vai acreditar. Não sei o que há de tão diferente, historicamente, nesta realidade em que estamos, mas acredito que este planeta seja a minha própria Terra, alguns milhares de anos antes da minha época. Só gostaria de saber qual a nossa exata localização geográfica. Eu *os vi*, Zandra... Fiquei observando-os durante cinco ou seis dias, nem sei ao certo. Demonstram grande facilidade para assimilar novidades, mas não para interpretá-las, pois ficaram apavorados quando me encontraram próximo ao seu acampamento. A tribo ainda não adquiriu hábitos sedentários. Droga, quero um caderno de anotações... Entende o que estou dizendo? Travei contato com os avós da minha espécie, Zandra! Posso estar delirando, eu sei. Mas tal experiência, para mim, constitui a prova de que a Evolução fez do homem o que ele é



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

hoje, digo, na minha época. O que temos aqui são indivíduos de baixa estatura e grande quantidade de pêlos pelo corpo. Comunicam-se por meio de gestos e um vocabulário limitado de grunhidos e estalos. Dimitri iria gostar de pesquisar essa linguagem. Eu os estava estudando às escondidas, mas são espertos e me pegaram desprevenido. Levei algumas horas para fazer com que acreditassem que eu era inofensivo. Deve ter sido por causa das minhas roupas[9]. Veja, o Zelador me largou aqui vestido como um cavaleiro da Idade Média.

Ele abre os braços, exibindo uma grotesca vestimenta constituída de pequenos anéis de metal entrelaçados. Leva nas costas, preso ao corpo por uma tira de couro, uma grossa placa circular, também de metal. Vestes primitivas de guerra.

– Pensei que fosse gozação – continua, imbatível. – Mas isso seria atípico da parte dele. Deve ter sido para a minha segurança, pois o escudo me protegeu contra as pedras que eles jogaram. Resolvi que seria bom manter estes apetrechos; se eu os largasse por aí, daqui a muito tempo os arqueólogos ficariam boquiabertos ao encontrar artefatos medievais junto a ferramentas de pedra. Enfim, nada disso importa, nem mesmo que meus futuros colegas de profissão venham a ter material espúrio para suas pesquisas. Se este é um plano alterado da História, como sempre acontece quando somos sacados da Nave[10] para essas grotescas missões, tudo o que aqui se faça ou se observe já foi modificado... como nos disse o Barqueiro[11], pelas mãos de Outros[12]. Mas, voltando ao que eu lhe contava há pouco, consegui fazer com que eles, os homens primitivos, me aceitassem. São péssimos barbeiros, veja: picaram meu cabelo com lascas de pedra afiadas. As crianças queriam mechas, acho que nunca viram cabelos limpos.

Ele abaixa a cabeça e aponta para os arranhões no seu couro cabeludo depredado. Mas logo volta a cobrir a boca. Poderia aproveitar e parar de papaguear. Se eu estivesse em minha forma humanóide... não me lembrava da minha capacidade de me antropomorfosear. Assim transformada, eu poderia responder com igual fluência ao discurso em inglês desse anão. Não sei se quero manchar a pureza do verde com a imitação de uma forma humana... E esse animal parece ter engolido outro, pois vale por



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

meio, mas fala por dois! Seria tão bom se parasse de me metralhar com seus perdigotos...

– Pelo menos, não peguei piolhos – acrescenta ele. – Eles cessavam suas atividades cedo demais em razão do escuro e do frio da noite. Então, acendi fogo... Estupidamente, não calculei o impacto desse gesto sobre eles. Não sei se lhes fiz um grande benefício ou uma baita cagada, como diria Raimundo. Perdão. Eu interferi drasticamente em seu destino – não que, de alguma forma, isso já não tenha sido alterado antes da minha chegada; ainda sou cético quanto à premissa de que tudo tocado por nós não terá repercussão.

Ele pára e toma fôlego; então, volta ao seu desinteressante relato:

– É incrível, mas essas pessoas nunca haviam visto uma única chama! Gritaram feito macacos, correram, gargalharam, mas logo perceberam a sua utilidade... e o seu potencial destrutivo. Passaram todo o dia de ontem conhecendo-o, dominando-o. Nessa brincadeira, dois indivíduos morreram queimados. Tive de jogar areia sobre eles, e o fogo se extinguiu, mas as vidas se perderam. O grupo não se abalou. Pelo contrário, se fortaleceu. De manhã, brincavam de fazer fogueiras e apagá-las com terra e água. À tarde, já marchavam juntos, tochas na mão, cruzando a planície. Eu os segui até uma caverna. Só então conheci as dimensões do meu erro. Ou acerto. Um outro grupo se encolhia lá dentro – não sei se de seres humanos ou coisa inferior, mas, do lado de fora, eu ouvi seus gritos. E eram gritos bem humanos... Era tarde demais. A primeira guerra, Zandra; a guerra do adaptado contra o obsoleto. Ainda estou bestificado. Eu me enfiei mata adentro e vim para cá durante a noite; acampei na mata e fiz uma fogueira para espantar os animais selvagens, embora não tenha visto nenhum que me parecesse ameaçador, salvo algumas serpentes. Vim com essa tocha para iluminar meu caminho e me defender do que quer que fosse. O que presenciei na planície foi suficiente para me deixar desconfiado... Meu casulo denunciou sua presença há pouco – julgo que não o fez antes em razão da distância que nos separava – e cá estou. Já fiz o papel de Prometeu, entregando o fogo aos homens, mas não vejo nisso nenhuma relação com qualquer desvio que tenha ocorrido, historicamente, nesta realidade. É este o problema em se analisar a História remota do mundo: a



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

falta de dados para uma conclusão acertada. Continuo sem saber o que está acontecendo de tão diferente aqui que não tenha acontecido, digamos, na minha linha cronológica. E não há sinal dos nossos portais, o que quer dizer que nossa tarefa, qualquer que seja, está pendente...

Ele pára. Finalmente. Entendo o que diz muito mais do que eu gostaria. Quem é ele? Eu me lembro... não...

– Zandra? – ele murmura no que deve ser um tom gentil. – Desculpe-me por tê-la bombardeado com tantas informações. Eu me entusiasmei sobremaneira... Sente-se bem?

Silêncio...

– Zandra? Diga alguma coisa. Não me reconhece? Sou eu... Andreas, lembra-se? Vamos, fale comigo. Não se acanhe. Eu compreendo seus silvos e farfalhares – talvez não bem quando Dimitri, mas certamente melhor do que a maioria.

Ele me toca com as duas mãos. Parece crer que é capaz de me sacudir. Frágil e tolo... Por que se incomoda tanto com meu mutismo?

Contato. Comunicação. É isso que ele quer. Exige. Eu me esforço para recordar como reproduzir os rudimentos do idioma que ele fala. Idioma. Por muito tempo, não precisei disso.

– Paz – consigo assoviar. – Deixe-me paz.

– Não entendo, Zandra. O que há com você? E... que fedor desgraçado é esse, afinal de contas?! Está vindo de você!

– Não... pergunte... veja.

Ele se inclina, novamente a mão sobre o nariz, sobre meu regaço. Meu próspero regaço. Fervilhante de vida e morte. Será capaz de perceber o quanto mudei, Andreas? O quanto evoluí?

Seu olhar me examina por um longo tempo. Depois, passeia demoradamente pelas formas de meu companheiro.

– Há quanto tempo você está assim?

– S... sempre.

– Quer dizer, desde que chegou aqui?

– Desde... sempre.

– Bem, que acha de se levantar daí e nós dois tentarmos descobrir o que é que o grande titereiro nos reservou?



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

– Nun... Nunca. Eu evoluí.

O homenzinho me fita, mais uma vez, de forma estranha. É trabalhoso decodificar os músculos franzidos no seu rosto. Acho que é decepção.

– Zandra... compreendo que os giron'dhenses se alimentem por meios muito diferentes dos que a minha espécie utiliza, e procuro respeitar suas peculiaridades, mas isso... Não considero de forma alguma que tenha evoluído. Ao contrário: o que fez foi *involuir*. Como você, com sua extraordinária inteligência, regrediu para essa forma limitada, estática, despropositada? O que acha que está fazendo aí, olhando o tempo passar? Quando o Zelador puxar as cordinhas das suas marionetes, minha amiga, tudo isso não terá passado de um sonho. Nauseabundo, aliás. Se há uma missão a ser cumprida, e sempre há, não acredito que tenha qualquer conexão com esse processo doentio no qual você se envolveu. Ficar parada aí não nos ajudará em nada.

– Esta... minha missão – respondo-lhe.

– O que, essa pasmaceira? Tenha dó, Zandra.

Agora, chega. Estou irritada com sua interminável verborragia e com as respostas insuficientes que sou capaz de dar. Num esforço concentrado, começo a buscar a forma humana.

Mas dói. Que estranho; nunca doeu antes. Tenho a impressão de que meu corpo não deseja essa configuração. E meu companheiro, tampouco.

Mesmo assim, minhas fibras se rearranjam. Consigo talhar, no meu tronco, o rosto de uma fêmea humana e o aparato vocal necessário para me comunicar oralmente. Encarando-me, o homenzinho recua um passo. Seus olhos não parecem gostar da fusão de mulher e planta carnívora que agora sou. E seus ouvidos, com certeza, gostam menos ainda do que eu lhe digo:

– Acredita que sua forma bípede supera a minha? O nível de adaptação que alcancei escapa à sua compreensão. Pudera. Você é apenas um primata. Animais superiores a você teriam dificuldade em assimilar a idéia; mesmo assim, aceite-a... Sou uma planta. As possibilidades que meu corpo oferece são incontáveis. Um dia, escolhi assemelhar-me à sua espécie e imitei sua aparência, esculpindo em mim mesma a caricatura de uma mulher; agora, porém, escolho assumir minhas folhas, minha casca, minha



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

condição vegetal em sua plenitude. Insetos vêm afoitos ao meu corpo e se perdem nele, nutrindo-o, sem que eu precise mover um único ramo para isso. E devo tal entendimento a esse espécime maravilhosamente bem-sucedido ao meu lado.

– Essa coisa horrível e fedorenta?

– Dobre sua língua carnosa!

– Muito bem, Zandra, você é livre para arremedar plantas papa-moscas. Mas olhe para si mesma... sua aparência distorcida, sua estagnação. Até mesmo seus modos se alteraram; seu rosto está empedernido, e sua voz, áspera. Como é que seu nômade[13] permitiu que se desfigurasse tanto? Ele deveria ter detectado essas mudanças como um estado doentio!

– Sou dona de meu ser, Andreas. Se você prefere passar sua vida contando com as vantagens de um intruso em seu corpo, faça-o, mas deixe-me em paz. Eu não solicitei sua intervenção, nem mesmo sua aprovação.

Meus argumentos são imbatíveis. Sempre foram. Por isso é que ele se cala, os olhos baixos, observando as minhas raízes amorosamente entrelaçadas às do meu companheiro. Abençoado silêncio. Pena que não dura:

– Bem, minha amiga, minha educação me adverte de que não tenho o direito de interferir nas suas escolhas. Mas meu bom-senso, muito mais confiável, me diz que você está fora de si. Arriscaria afirmar que o fedor mata-tudo não é a única propriedade indigesta dessa coisa aí...

Perco a calma.

– Essa “coisa” à qual você se refere com tanto desdém é um ser consciente e sereno! Você, por outro lado...

– Sereno! Vamos ver!

Eu não estava preparada para a ferocidade do grito, a rapidez do golpe. A tocha na mão do homem se aproxima perigosamente de meu companheiro vegetal. Chamusca suas pétalas carmim. E eu o vejo, pela primeira vez, mover-se; não com a lenta sutileza das gavinhas em crescimento, mas com uma brusquidão que só encontrei nos indivíduos mais ágeis de meu próprio povo. Suas raízes se arrancam brutalmente da terra, abandonando meu contato, enquanto ele procura se defender do ataque. Ele se move... como um giron’dhense perfeitamente maduro.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Sua velocidade, mesmo assim, não faz frente à do humano Andreas, que investe repetidamente contra ele. Meu companheiro se ergue do solo, seus ramos eriçados, contorcendo-se. Sua grande boca se escancara, furiosa, terrível. Larvas e moscas adultas bóiam em seu suco digestivo, parecendo prontas a serem vomitadas. Vejo a face de Andreas empalidecer por um instante, vítima do enjôo. Uma mão defende as narinas. A outra empunha a tocha.

O rompimento súbito do contato me alarma. Eu o quero de volta!

– Não! Não o tire de mim!

Mas é tarde...

Ele – companheiro, vegetal-irmão, flor – jaz ao meu lado, reduzido a um tição como os que sobram das fogueiras. Eu lamento... lamento tanto...

– Agora, sim!

É Andreas. Leva a mão livre ao corpo; parece vitimado por uma dor nas costelas. Eu me lembro da dor[14]. Ela anuncia a hora da partida. Quando um do grupo começa a sentir essas pontadas, pode ter certeza de que irá encontrar nas proximidades o portal que o leva de volta...

De volta aonde? À Nave. Como sei disso? Minha mente está confusa. Idéias demais. Lembranças. Como se, subitamente, o véu que escondia minha memória fosse erguido e eu pudesse acessá-la em toda a sua extensão.

Ele apaga a tocha numa poça d'água próxima e segue à procura de seu portal, que não tarda a surgir. A poucos metros de nós, vejo uma grande espiral luminosa. Andreas corre ao seu encontro. Seu corpo é engolido pela imensidão de anéis azuis e verdes.

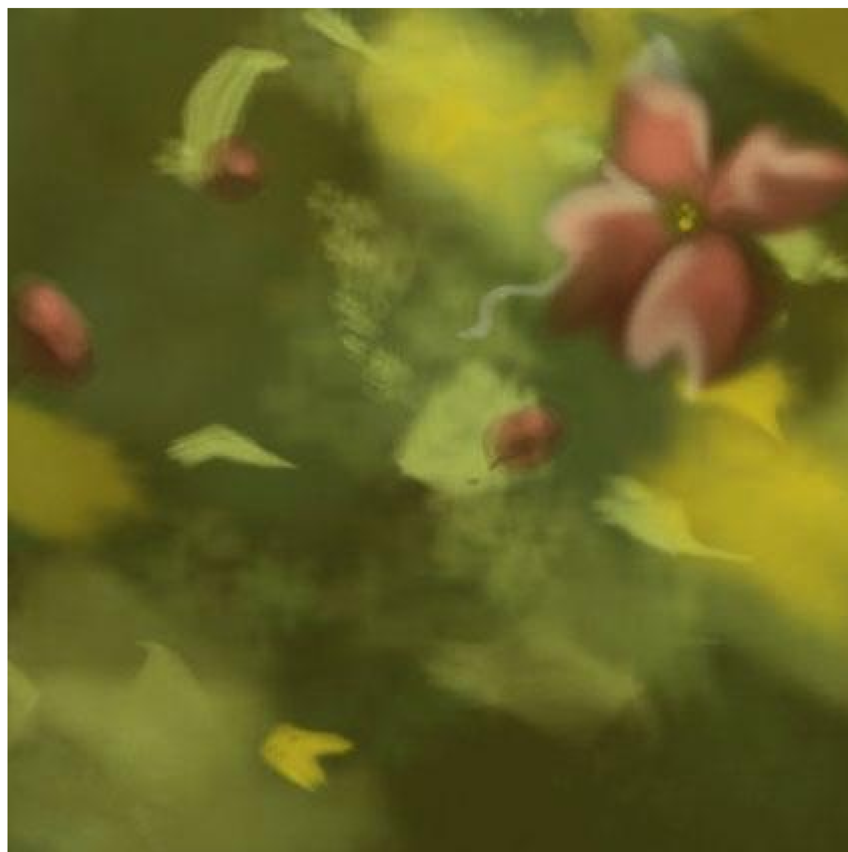
É a minha vez. Sinto a fisgada que me chama de volta à realidade. A contragosto, retiro minhas raízes já acostumadas ao contato com a terra fecunda. Às minhas costas, encontro meu próprio portal, chamariz multicolorido.

Lanço um último olhar à planta carbonizada e ao paraíso que, por algum tempo, amei. Sentirei falta disso tudo.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Epílogo



Hoje, senti-me mais bem-disposta e fui procurar por Andreas. Queria justificar meu comportamento e agradecer-lhe o seu ato brutal, porém adequado. Ele notou meu embaraço e afirmou, para meu alívio, que não tinha o hábito de torrar vegetais inofensivos.

Esclareceu que as alterações – segundo ele, desagradáveis – em minha aparência, conduta e entonação o levaram a suspeitar que eu não estava no controle total de meus atos. É estranho examinar o caso dessa forma, pois, durante todo o tempo que passei arraigada àquele planeta e àquela situação, estava certa de que agia segundo meus próprios critérios. Ele não refutou essa idéia. Apenas julgou que esses critérios básicos deveriam ter sido afetados pelo meu contato com aquele estranho ser. Confessou, também, ter encontrado certo prazer em torrar a "coisa fedida".



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Isso nos levou a especulações mais minuciosas, porém inconclusivas. Andreas sustentou que aquele lugar deveria ser a Terra e que ele presenciara o alvorecer da raça humana. Explicou que, em seu planeta natal, existiam diversos tipos de plantas especializadas na captura e digestão de insetos. Mas nenhuma espécie vagamente sapiente, como aquela. Seu sistema nervoso parecia ser quase tão complexo quanto o meu, capaz de responder prontamente a estímulos como o toque ou o calor, conforme comprovamos pouco antes do seu extermínio.

Contei ao colega os pormenores da relação que desenvolvi com o espécime, o que me permitiu recapitular todo o ocorrido. Na falta de maiores informações, suponho que uma substância qualquer por ele segregada deva ter penetrado em meu organismo juntamente com os nutrientes que absorvi da terra – daí a vívida sensação de comunhão que experimentei desde nosso primeiro contato. Mera ilusão narcótica.

Mas, se não encontrei outros exemplares dessa espécie na região que explorei, nem Andreas viu qualquer sinal deles na vasta área que percorreu, seria aquele o único em todo o planeta? Em caso afirmativo, como teria ido parar lá? Seria produto de uma mutação natural ou da ação de terceiros? E esses terceiros... quem, como, por quê?

(Andréas, diga-se de passagem, perdeu-se em elucubrações sobre uma possível raça de plantas sapientes povoando o planeta Terra muito antes do auge da civilização humana.)

Qual seria seu verdadeiro nível de consciência, camuflado sob a aparência primitiva e manifesto diante da agressão de Andreas? Se possuía uma mente avançada, por que não procurou comunicar-se comigo por técnicas menos invasivas? Mas, se seu intelecto era simples, como foi capaz de influenciar tão profundamente meu comportamento e até minhas lembranças? Forma de vida adiantada ou não, o mérito é todo seu. E aí jaz, talvez, a pergunta que mais me atormenta: que tipo de criatura se especializaria na habilidade de dominar, mental e fisicamente, uma mulher-árvore de Giron'dha?

Essa questão ficará por tempo indeterminado no topo da minha pirâmide de dúvidas. Aguardando respostas que não encontrarei tão cedo, ocultas, talvez, no verde efêmero do Éden.



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

# Glossário

1. Zelador: Personagem polêmico, misterioso, responsável pela estada dos abduzidos na Nave, forçando-os a uma série de experiências contra suas vontades.

2. Casulo localizador: Dispositivo acoplado aos abduzidos, permite a eles verificarem se existem (e onde estão) seus companheiros, bem como localizar seus Portais pessoais, quando abertos.

3. Giron´dha: Giron'dha é uma lua de proporções consideráveis que orbita um astro colossal ao lado de outros cinqüenta e dois corpos-satélites, no sistema T'Kion, conhecido pelos humanos como Epsilon Eridani. A lua-planeta é o berço de uma civilização de paravegetais inteligentes que não dependem mais de solo ou qualquer condição climática, possuindo meios portáteis, genéticos, de suporte de vida.

4. Memórias Vegetais: documento no qual Zandra relata uma de suas experiências como abduzida e fala sobre o comportamento humano. Ver *Mahavira: Memórias Vegetais*.

5. Richards: Richards Bartollo Meredith, adolescente australiano de forte inclinação religiosa. Tetraplégico, foi curado de suas limitações físicas quando de sua abdução, fato que atribui à Providência Divina.

6. Raimundo: Benedicto Raimundo Alves da Silva. As iniciais de seu nome formam seu apelido, Brasil. Esteve envolvido em um golpe para solapar do foragido juiz Nicolau boa parte de sua fortuna ilícita. A partir do golpe frustrado, sua vida deveria ter acabado ao se chocar com o WTC.

7. Dimitri: Dimitri Diogovitch Rosenkovski, lingüista e arqueólogo russo de orientação criacionista, amigo e rival ideológico do grego Andreas



PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Nikolos Papandriou, também arqueólogo, porém de tendência evolucionista.

8. Meios para repor suas energias: Zandra é capaz de deglutir corpos em decomposição, dos quais retira valiosos nutrientes para sua estrutura vegetal. Já ingeriu corpos humanos. Ver *Tempo dos Animais* e *Mahavira: Memórias Vegetais*.

9. Roupas: ao serem enviados em missões, os abduzidos podem despertar nus ou trajados conforme a decisão do Zelador.

10. Nave: veículo milenar que transporta os abduzidos através de realidades alternativas. Pode ser entendido como um megamundo em cujo interior encontram-se múltiplas dimensões, que podem ser acessadas pelos abduzidos.

11. Barqueiro: o principal contato dos abduzidos dentro da Nave e, algumas vezes, fora dela também. Apesar de ser uma inteligência artificial, ele não costuma ser frio, pois um dia teve corpo e, às vezes, não coaduna os planos mirabolantes do Zelador.

12. Outros: forças responsáveis pelas drásticas alterações na História do universo, originando linhas temporais bizarras.

13. Nômade: praticamente todos os abduzidos deste grupo especial são portadores de Nômades: criaturas que os usam como hospedeiros e oferecem uma gama de poderes e habilidades distintas a seus portadores.

14. Dor: caracteriza o aviso para que o abduzido retorne à nave, de acordo com a vontade do Zelador, através de um portal individual.


PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com